

“O amor mata” - João Francisco Vilhena

17 Setembro / 14 Novembro 2015

Galeria das Salgadeiras

O Amor faz viver

Poderá parecer que, desde logo, existe um paradoxo entre o título deste texto e o da exposição que lhe está subjacente. Porém, atendamos a esse pormenor, que não é mera distração, antes uma afirmação do que estamos a falar: há amor e Amor. Se o primeiro, na sua dimensão mais bárbara pode matar, e mata, como vemos no duro do nosso quotidiano, o segundo, na sua letra maiúscula de quem grita o sentimento, alimenta a vida e fá-la acontecer, em respeito pelo Eu e pelo Outro que somos todos Nós. E porque a crença neste último, enquanto afecto e emoção, persiste, é que se impõe sublinhar este detalhe ortográfico na língua, que tal como Amor, é a nossa pátria.

João Francisco Vilhena encontrou no classicismo do género artístico da Natureza-morta a forma de representar a violência a que muitas, cada vez mais, sempre demais, mulheres estão sujeitas numa sociedade que continua a não respeitar o Artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, esse que reivindica o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Esta exposição resulta de uma investigação que o fotógrafo iniciou há cerca de 8 anos sobre a violência doméstica e que tem incidido, sobretudo, na recolha de inúmeras notícias sobre esta temática, bem como no seu envolvimento em trabalhos académicos relacionados com este flagelo social. A esta abordagem humanista, acrescentou João Francisco Vilhena a sua sensibilidade artística e a sua capacidade de representar, numa experiência também ela violenta, uma situação à qual estão sujeitas (demasiadas) mulheres portuguesas. Desde logo, e porque este é um trabalho artístico, está subjacente esta opção autoral de João Francisco Vilhena: a de considerar a violência doméstica feminina, em território nacional, onde continua a estar muito presente a religiosidade cristã, certo está que se trata de um problema que ultrapassa géneros, fronteiras e credos. Ao longo destes anos, João Francisco Vilhena foi construindo um arquivo de referenciais e de ícones

que estão, agora, materializados nesta exposição: dípticos com fotografias de objectos usados pelo agressor e de cruces poisadas na terra que representam, de forma abstracta e sublime, esta que é uma violação constante e vergonhosa dos Direitos Humanos.

Em «O amor Mata» encontramos dípticos de onde emergem histórias vividas e sentidas, vidas que se perderam de mulheres que aspiravam um mundo melhor, porque mais justo e humano. São imagens a preto e branco, dípticos com nomes de mulheres, que convocam o observador a um olhar atento, crítico e reflectivo sobre a sociedade em que está inserido com os seus direitos e deveres. Não, não é verdade, nem o pode ser, o ditado de brandos costumes que “entre marido e mulher, ninguém mete a colher”. A isso se refeririam os populares iludidos que da união entre um homem e uma mulher resultaria Amor, e este sim com maiúscula. Infelizmente, assim não é. As estatísticas demonstram-no a cada ano, a imprensa noticia a cada dia, e muito pior, as mulheres sofrem a cada instante. Destas fotografias emergem histórias vividas e sentidas, vidas de muitas mulheres. Conhecemos a “Alice”, a “Maria”, a “Fátima” que gritam, da sua morte, para que não as ignoremos nem esqueçamos.

Além destes dípticos, a exposição inclui uma instalação onde nos encontramos com a vida ao reconhecermos, desde logo, o som do batimento do coração. Temos de um lado, a imagem de um coração, feita a partir de uma ressonância magnética, numa representação abstracta da Mulher e no fundo de todos nós. “João” é, portanto, uma imagem repleta do vermelho do sangue que corre nas artérias, veias cava, ventrículos, aurículas, vasos coronários saindo pela artéria aorta, de uma pessoa que está viva, o próprio João Francisco Vilhena. Do outro lado, um texto literário, também de sua autoria, que, assim, tragicamente se inicia: “Matei-a com um tiro triste, perfurando com estrondo o tédio irremediável que me contaminou. No entanto adorava-a, com um ódio histérico e ácido que me corroía a alma.”

«O amor Mata» consiste, pois, numa experiência de forte cariz estético, porém, não do belo, antes da categoria do sublime, da desconstrução da vítima à construção do predador. Esta exposição é, também e sobretudo, um acto de Amor, em defesa deste sentimento nobre que faz viver e torna o mundo um lugar melhor. Sempre.

Ana Matos

Lisboa, Setembro de 2015